

# O MEU SAUSSURE<sup>1</sup>

Eugenio Coseriu  
Universidade de Tübingen

1. Linguístas há que crêem dever muito pouco a outros linguístas, nos quais, imaginam, apenas puderam encontrar a confirmação de suas próprias intuições ou convicções. E até há quem tenha chegado a afirmar nada dever a Ferdinand de Saussure.

Esta não é a minha posição. No meu entender, é muito difícil, na lingüística moderna, não dever nada a F. de Saussure. No que diz respeito à "confirmação de suas próprias convicções" – pela própria natureza da linguagem (que é uma atividade livre do homem) e da lingüística (que se funda no "saber originário" que tem o homem sobre si mesmo e sobre suas próprias atividades livres) – penso que se trata, precisamente, do modo como, nas ciências humanas, se manifestam as "influências" na formação de uma concepção. Por isso, no que me concerne, estou disposto a admitir que muito da validade, e inclusive tudo aquilo que pode ter validade em meus escritos e investigações (enquanto concepção e método), provém de outros linguístas e de vários filósofos da linguagem, através de um processo dialético de síntese cuja base constante de referência tem sido a própria realidade da linguagem, tal como se apresenta à introspecção reflexiva e à observação sistemática. Entendo, portanto, minha concepção como um intento de conciliar, em relação à realidade da linguagem, Saussure e Humboldt, com a ajuda de sugestões que recebi de Sapir e de Hjelmslev, de Menéndez Pidal e de Pagliaro, e – em outro plano (o filosófico e epistemológico) – de Aristóteles, Leibnitz, Vico, Hegel e Croce, principalmente de Aristóteles e de Hegel. E meu critério quanto à interpretação de suas sugestões e à integração numa concepção unitária foi sempre o da "confiança prévia", ou seja: toda concepção e toda tese formulada por cientistas e pensadores autênticos se fundam em alguma intuição certa e contêm seu núcleo de verdade, apesar de eventuais des-

---

1 Comunicação lida no Congresso realizado pela Associação Galega da Língua, em homenagem a Ferdinand de Saussure (Vigo, 1993). Tradução do original espanhol de Evanildo Bechara.

vios e parcializações na explicitação da intuição. Considero, com efeito, que não tem sentido negar pura e simplesmente – e é de pouca utilidade para a ciência rechaçar como "falsa" tal ou qual distinção ou tese antes de se perguntar (e tratar de averiguar) a que intuição certa corresponde e em que sentido pode ser válida, já que a crítica efetiva e proveitosa é a que em todo caso trata de estabelecer os *alcances* e os *limites* das teses e concepções discutidas. Tal é o critério hermenêutico que tenho aplicado também – e, em certo sentido, principalmente a Ferdinand de Saussure.

Esta minha atitude em relação a Saussure nem sempre tem sido compreendida em seu genuíno sentido. Tem-se-me objetado que em tal ou qual caso "falseava" a concepção saussuriana, que a criticava de um ponto de vista que lhe era exterior, que me propunha diminuir ou negar sua originalidade e validade, que pretendia "banalizá-la", etc. Sem dúvida, a culpa tem sido minha, porque, a partir de certo momento, deixara de explicar meus propósitos e de assinalar que, de fato, continuara trabalhando em bases saussurianas e avançando, tanto quanto possível, pelos caminhos abertos por Saussure. Chegou agora o momento de explicá-lo brevemente.

2. "O meu Saussure" é o Saussure das grandes distinções do *Curso de Lingüística Geral*, que determinaram o desenvolvimento e o progresso da lingüística do século XX; não só da lingüística estritamente saussuriana, mas da lingüística que, aparentemente, ignora a Saussure (mas que, de toda maneira, teve de delimitar-se com relação à lingüística saussuriana). Para mim, as grandes distinções saussurianas não foram objeto de interpretação, e sim marco e guia da investigação. Propus-me, com efeito, estabelecer em que sentido são indispensáveis para qualquer lingüística "realista", isto é, que dissesse respeito à realidade da linguagem.

As distinções de Saussure são, como se sabe, antes de mais nada metodológicas: foram feitas para delimitar a "língua" (*langue*) como objeto da descrição sincrônica sistemática. Para mim, que queria considerar essas distinções em seu sentido "real", levanta-se o problema de saber onde podemos encontrar, na realidade da linguagem, o *sistema homogêneo de oposições*, essa *langue* ideal? Aplicando estritamente as mesmas distinções (tomadas como "reais") e acrescentando outras distinções que se faziam necessárias às saussurianas, acabei por identificar e por delimitar estritamente como objeto da lingüística descritiva imanente (descrição saussuriana ideal) a *técnica livre da língua funcional no nível do sistema de funções e oposições*. Com isto, justificava-se a *fonologia funcional* (já existente), como paradigmática e sintagmática do plano da expressão, e ficavam firmemente fundadas, no mesmo sentido (propriamente saussuriano), a *gramática ou sintaxe funcio-*

nal e a semântica léxica funcional (lexemática), para o plano do conteúdo ("signifié").

As distinções indispensáveis para chegar à *langue* entendida nesse sentido são:

a) a distinção entre três planos da linguagem e da "técnica" lingüística (ou "saber lingüístico"): plano universal, plano histórico e plano particular (e, respectivamente, *saber elocucional*, *saber idiomático*, *saber expressivo*);

b) entre "coisas" e "linguagem", isto é, conhecimento das "coisas" (ou do "mundo") e conhecimento da linguagem;

c) entre *metalinguagem* e "linguagem primária".

d) entre *discurso repetido* e técnica livre;

e) entre *arquitetura* e *estrutura* ou variedade (diatópica, diastrática, diafásica) e homogeneidade (sintópica, sinstrática, sinfásica) da língua histórica, com o que a língua funcional passa a ser não só *sincrônica*, mas ainda *sintópica*, *sinstrática* e *sinfásica*, e, finalmente,

f) entre três níveis técnicos: *norma* de realização, *sistema* de distinções e oposições (e, daí, "de possibilidades") e *tipo* lingüístico.

Com tais distinções, deixava-se de lado tudo aquilo que não corresponde ao sistema homogêneo de oposições (o *saber elocucional* e o *saber expressivo*), o conhecimento das "coisas", a *metalinguagem* [uso metalingüístico], o *discurso repetido*, a *arquitetura* ou *variedade* da língua e dos níveis da *norma* e do *tipo lingüístico*). Ao mesmo tempo, a consideração da língua como "técnica" (de acordo com Pagliaro) e, portanto, do sistema como sistema de possibilidades (de acordo com a advertência do próprio Saussure a propósito da analogia) me levava a entender as estruturas lingüísticas não como estáticas, mas como *d i n â m i c a s* (como "modos de fazer"), a justificar a coexistência sincrônica de sistemas idealmente diacrônicos no saber lingüístico de um mesmo falante e a interpretar a sincronia como *funcionar* e a diacronia como *desenvolvimento* (surgir) da língua, desligando estas noções da interpretação estritamente temporal (projeção sincrônica em um momento / linha diacrônica entre vários momentos).

Tudo isto se fez, a rigor, no âmbito do saussurianismo, embora não de um saussurianismo "ortodoxo", entendido como repetição, confirmação e aplicação do dito por Saussure; porém de um saussurianismo dinâmico, entendido como concepção dinâmica que permitia (e sugeria) desenvolvimentos em vários sentidos, ou seja, o que se fez *com* Saussure e não *sem* Saussure nem *contra* Saussure.

3. Por outra parte, se me impunha a necessidade de considerar tudo o que as tais distinções feitas até aqui deixam de lado ( ou põem entre parênteses) e, depois de ter identificado as estruturas idiomáticas em toda sua pureza, recuperar para (e nos limites de) uma *lingüística integral* tudo aquilo que funciona no falar e *não é* estrutura idiomática homogênea. Isso, porque desde o início considerei que o que a lingüística tem de explicar é o *falar* fundado no saber lingüístico que nele se manifesta. E o sistema de oposições idiomáticas funcionais é, sem dúvida, fato absolutamente essencial (é a base indispensável do falar), mas não explica todo o falar: não é o saber lingüístico todo. Daí, já em 1955, propus para o *saber elocucional* e *saber expressivo* uma *lingüística do falar* e uma *lingüística do texto*. Quanto à contribuição do "conhecimento das coisas" para o falar, também destacada já em 1955, propus mais tarde uma *lingüística esqueuológica* [do grego *skeuê*, ou melhor *skéuos* 'coisa', 'instrumento', etc.]. No que concerne à metalinguagem, indiquei como necessária uma *gramática do uso metalingüístico*; e no que diz respeito ao *discurso repetido*, uma lingüística elaborada do mesmo (como estudo dos seus tipos gerais e descrição sistemática do discurso repetido pertencente a determinadas tradições idiomáticas). Com respeito à arquitetura da língua, distingui *quatro* disciplinas sincrônicas com objeto próprio: uma disciplina das homogeneidades (*gramática* em sentido amplo, incluindo a fonologia e a semântica léxica estrutural) e três disciplinas da variedade como tal (*dialectologia*, *sociolingüística* e *estilística da língua*). Finalmente, com relação à própria língua funcional, esbocei (já a partir de 1952) uma *lingüística da norma* e, mais tarde, uma *tipologia lingüística*. Quanto às aplicações, esbocei uma *deontologia* [do grego *déon* 'dever'] *lingüística* (estudo da correção e da exemplaridade idiomática), uma teoria da política lingüística e da planificação idiomática, uma teoria da tradução e uma teoria do ensino do idioma e da educação lingüística. Ao mesmo tempo, no que concerne à diacronia (em sentido amplo), distingui, com Menéndez Pidal, entre *gramática histórica* estrita (estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo) e *história interna da língua* (estudo diacrônico de uma língua histórica) e, por este caminho, cheguei a interpretar a *história lingüística* (que não exclui, mas que contém as descrições sincrônicas) como efetiva *lingüística integral*. Com tudo isto, por certo, muito me afastei de Ferdinand de Saussure; cheguei até ao pólo oposto do Saussure do saussurianismo "ortodoxo"; porém, conforme creio, também cheguei a isto em contacto permanente com Saussure, e não sem Saussure e muito menos contra Saussure.

\*\*\*